

# OS PRECURSORES DO MODERNISMO EM PORTUGAL



Fernando Pessoa—Alvaro de Campos—Ricardo Reis—Alberto Caeiro



José de Almada-Negreiros.



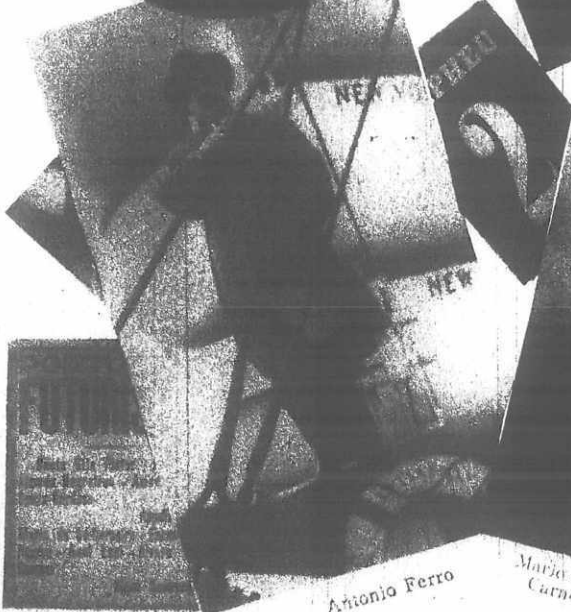
José Pacheco.



Santa-Rita Pintor



Dr. Kaul



António Ferro



Maria de Sá-Carneiro

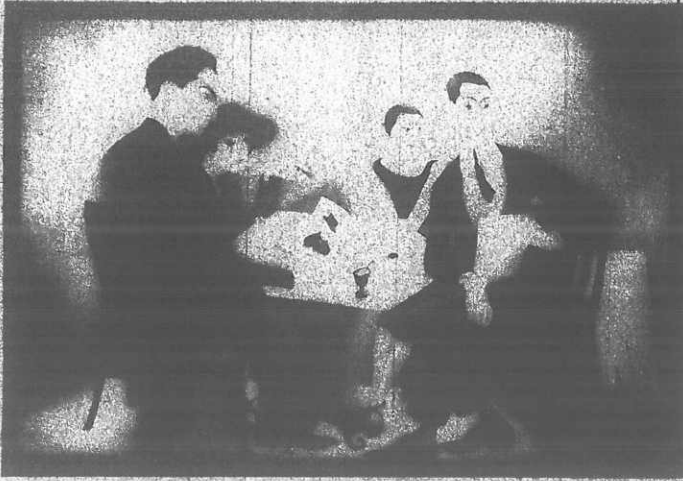


Leopoldo

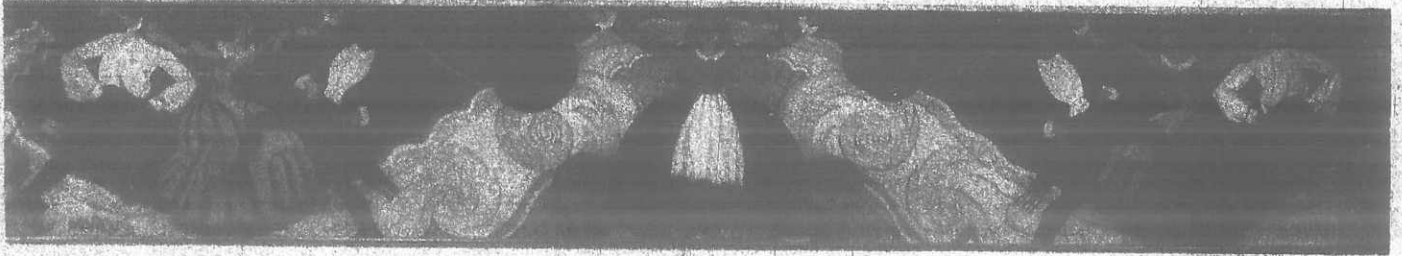


Dr. Alfredo Pedro Guisado

# O CAFÉ DOS "FUTURISTAS" / os celebres painéis da "Brazileira"



Foi no Café da Brazileira, ali no topo da Rua Garrett, hombros com a Havaneza que os «futuristas» — os paulicos, como lhes chamou João Corrêa d'Oliveira — assentaram os seus arrais de cavaco. Dessa época, evocando-o, existe a decoração da casa em belos painéis de Antonio Soares, Eduardo Viana, Almada, Stuart, José Pacheco, Barradas, e Bernardo Marques. Reproduzimos um painel de Almada. (à esquerda) e outro de Jorge Barradas.



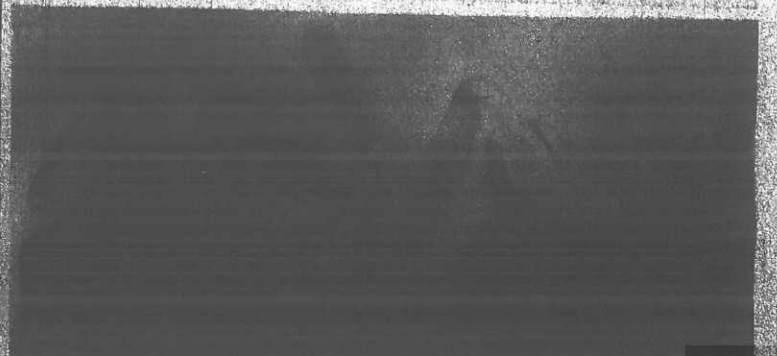
## OS MODERNISTAS NOS «INTERIORES»

A casa de Antonio Ferro pode considerar-se hoje como um pequeno museu onde os modernistas têm a maior representação. Da sua bella coexistencia de quadros — da qual já muitos demos em um passado numero — escolhemos este admiravel feito de Bernardo Marques.



## O CLUB DOS MODERNISTAS

Toda a decoração do Bristol Club é francamente modernista. Desde a arquitetura de Carlos Ramos aos mais pequenos detalhes, tudo foi visto com espirito moderno e desempocirado. — (A' esquerda): O admiravel baixo relevo de Ernesto do Canto que domina a escadaria. — (A' direita): Uma expressiva pintura de Antonio Soares. (Em baixo): Um quadro de Almada. — («Clichés» Mario Novaes).



# alguns precursores

CRONICA POR ANTONIO FERRO

**A**NTES de começar, peço dois minutos de silêncio diante da memória do grande poeta Mario de Sá-Carneiro...

Muito obrigado! Agora que ele está nas nossas almas, agora que o silêncio o trouxe até nós, eu vou escrever algumas palavras de justiça que cheguem ao seu espírito, que ele possa ir lendo por cima do meu ombro. O modernismo, em Portugal, começou, há uns quinze anos, com Mario de Sá-Carneiro, nome que já não pode nem deve ser esquecido nas Histórias de literatura portuguesa para uso das escolas, nome que já não pode nem deve ser escondido às novas gerações. A atmosfera de arte em Portugal—digam o que disserem os que sofreram a influência sem a sentir—é uma coisa antes de Sá-Carneiro e outra depois do grito admirável do «Orfeu». Parecerá injustiça não citar, imediatamente, ao seu lado os nomes precursores de Fernando Pessoa, de Santa Rita Pintor e de Amadeu de Sousa Cardoso. É que Sá-Carneiro não se limitou a ser um escritor e um artista como Fernando Pessoa, o grande filósofo do espírito novo em Portugal.

Mario de Sá-Carneiro foi também um animador, o homem de acção, o verdadeiro revolucionário, o primeiro modernista que saiu de casa, que saiu do seu espírito, para vir para a rua...

Sá-Carneiro é o nosso Garibaldi, a nossa «Camisa Vermelha», o unificador, o grande herói da causa moderna. Quando fez o «Orfeu»—de que eu fui editor irresponsável porque tinha dezoito anos...—ele contava já com o sacrifício, ele sabia que ia tombar sob a ironia fácil dos etceteras, ele sabia que ia ser ridicularizado, que lhe chamariam-louco na melhor das hipóteses.

O éxito burguês, «esperançoso», do seu livro «Pincípio» com retratos em todos os jornais, indicava-lhe o caminho seguro e fácil.

Mas Sá-Carneiro, o nosso Apollinaire, desprezou a glória que estavam dispostos a dar-lhe, de mão beijada, e foi para a guerra com a ansia de integrar Portugal no seu meridiano.

Relembro, com saudade e ternura, aquela tarde em que Sá-Carneiro se dirigiu a mim no Rocio, de braços abertos, com uma alegria infantil que era, afinal, a alegria do martir:

—Vocé leu os jornais? Leu a «Capital»? Vê o que dizem sobre o «Orfeu»? Somos todos doidos varridos! Da fama já ninguém nos livra... Reclamam, para mim,

o colete de forças e um exame às minhas faculdades mentais... Estou contentíssimo! O éxito excedeu a minha expectativa.

E era verdade. Julio de Matos chegou a ser ouvido sobre o assunto. Sá-Carneiro, que tinha entrado nas letras como um «moço» que prometia, foi definitivamente catalogado como um louco perigoso.

Pois bem. Sem esse «louco», sem o sacrificio desse «louco», este número do «Noticias Ilustrado» não seria possível, como não seria possível a «Contemporânea», como não seria possível o Teatro Novo, como não seria possível o «Salão de Outono» de Eduardo Viana, como não seria possível a vitória de Rui Coelho, como não seria possível dentro da grande imprensa, a minha acção independente e liberta.

Para que hoje nos chamem, apenas, audaciosos foi preciso, antes de mais nada, que tivéssem chamado louco a Sá-Carneiro...

Não é menor a figura de Fernando Pessoa—o «clássico» da revolução—e eu só lamento não poder dizer, neste artigo apressado e incompleto, toda a minha admiração por esse formidável gabinete de trabalho que é a cabeça do pai de Alvaro de Campos... Santa Rita Pintor, o apóstolo das formas novas, que trouxe Picasso, no coração, para Portugal, foi o ponteiro da geração, o seu perfil mais singular e mais flagrante. Se se escrevesse um romance sobre o movimento moderno, em Portugal, ele seria a personagem principal, a mais impressionante. Amadeu de Sousa Cardoso, outra vítima, o nosso Modigliani, não no feitiço da sua arte mas no feitiço da sua vida, um Modigliani! para quem não souo ainda a hora da justiça. Almada Negreiros, que se entregou de corpo e alma, com todos os sentidos, ao movimento iniciado por

Sá-Carneiro, foi uma das grandes forças que impulsionaram o nosso «modernismo»—com todas as suas armas, com a pena, com o lápis, com os olhos, com a palavra. José de Almada Negreiros lutou, como Sá-Carneiro, desprezando a glória fácil e impondo, rudemente, a sua alma. Alguns dos seus gestos, algumas das suas obras, são datas memoráveis da «vanguarda» portuguesa. Cito, por exemplo, a sua conferência a «Invenção do Dia Claro.» Almada, que é um dos maiores desenhadores portugueses e que a Espanha considera um dos maiores desenhadores da Península, foi um dos loucos que fugiram do manicómio do «Orfeu»...

A História do Movimento Moderno, em Portugal, que tem quinze anos, pôde ser dividida em três partes. A primeira parte, a idade da pedra lascada (das pedras que nos atiraram...) gira em volta do «Orfeu», de Mario de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. A segunda parte, que é a idade da pedra polida (atiravam-nos pedras mas com mais delicadeza...) gira em volta da «Contemporânea», esforço prodigioso de José Pacheco que foi o ditador do bom gosto na nova geração. Se as artes gráficas, em Portugal, soubessem o que devem a este homem tinham obrigação de lhe estabelecer uma pensão vitalícia... José Pacheco tem desempenhado outro grande papel dentro do movimento, o papel de diplomata. A geração muitas vezes, tem-lhe ido parar às mãos, em cacós, e só ele consegue deitar-lhe uns gatos, dar-lhe umas aparências de coesão. A geração, todos o sabem, foi uma das muitas cousas organizadas pela «Contemporânea»... A terceira parte da História do nosso «modernismo» reivindicado, para o Teatro Novo que foi a primeira realização de teatro moderno que houve em Portugal. Fez-se, pela

primeira vez, teatro livre, «teatro para dentro», expressão que tem a aparência dum paradoxo mas que é uma síntese de teatro virado do avesso que triunfa hoje em todas as scenas de vanguarda. A esta parte do movimento está intimamente ligado o nome de Leitão de Barros—que é o único scenógrafo português que não fala de Manini, de cinco em cinco minutos, o único scenógrafo que não tem a preocupação de fazer tal qual, o único que não se deixa multar pela perspectiva, o único, sem favor, que procura a atmosfera da verdade em vez da verdade... O seu es-

(Continuação na página 14)



O S CIGANOS

Desenho de Bernardo Marques

## alguns precursores

(Continuação da pag. 11)

forço, nesse sentido, é notável e todos os novos lhe devem estar gratos. Neste artigo, que é escrito de relógio à vista e onde não pretendo fazer o balanço dum movimento mas apenas levantar alguns padrões, esqueço, propositadamente, os poetas, os prosadores, os pintores, os músicos, os escultores, os jornalistas, os arquitectos, todo o «panneau» admirável dos «inquietos» que merece um livro e, com certeza, a serie de crónicas que vou escrever brevemente. Deixo de citar alguns dos meus camaradas que mais admiro, e quasi todos os meus amigos.

Citei, apenas, propositadamente os precursores e os animadores,—os «porteflambeaux».

Os creadores—dalguns tambem falei—merecem a eternidade e não o effemero destas palavras rapidas.

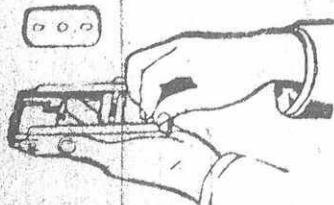
Triunfou o modernismo em Portugal? Suponho que sim porque o sinto, cada vez mais, na propria alma de quem o combate. Toda essa mocidade que anda ai pelos jornais, pelas capas dos livros, pela fisionomia grafica das revistas, pela pintura, pelos cartazes, pelas montagens de certas peças ligeiras—é obra nossa, é o nosso influxo, a nossa respiração, é o braço de Sá-Carneiro «a dançar nos salões do vice-rei...»

Quero terminar saudando, com muita sinceridade, o «Orfeu» dos novos de Coimbra a simpática revista «Presença» que me alfinctou, no seu último numero, como se eu já não estivesse «presente»... A amavel censura enche-me de alegria porque me prova que Portugal avançou tanto que eu próprio chego a perdê-lo de vista... É uma idéa desportiva, uma idéa que me faz Lem porque me obriga a correr... Não tenham preocupações a meu respeito: «Vão andando que eu já lá vou...» Eu não sei ficar para traz...

ANTONIO FERRO

## ALLEGRO

O unico afilador-  
ascentador de  
laminas  
garanti-  
do aos  
compra-  
dores.



**SEJA ECONOMICO!!**

Comprando um «Allegro» que lhe fará durar uma lamina durante muitos meses tornando lhe o barbear sempre agradável.

Tem cuidado com imitações grosseiras que só o prejudicam.

A venda em todas as boas casas da especialidade

Representantes para Portugal e Colónia

**SILVA & TERENAS, LDU**

Rua do Crucifixo, 37-38 - Telef. C. 269 - Lisboa



AUTO-RETRATO DE ALMADA

## ANTHOLOGIA

### BALADA D'AQUELA RUA

Para o A. FERREIRA GOMES

*Casas brancas e iguaes, d'ambos os lados  
Da Rua larga, muito larga e só.  
Não há verdura alguma, nem há pó  
Entre os focos de luz ondulados...*

*A Rua é enorme e, de tão grande, dorme  
Na fixidez da perspectiva exacta:  
Começo igual ao meio e ao fim; ingruva  
A vista que se cansa no uniforme.*

*Não sopra vento; não há frio; a Lua  
não põe sombras na luz infalçada...  
É a Rua-De-Quem-Já-Não-Sente-Nadal  
- Eu moro, há muito tempo, nesta Rua...*

FRANCISCO DA SILVA-PASSOS



BOTELHO POR ELE MESMO

### Os quatro retratos iguais da pagina 8

Na pagina 8 deste numero de «O Noticias Ilustrado» sob o titulo «Os precursores do Modernismo em Portugal», depara-se aos leitores uma verdadeira chorada. Quatro fotografias perfeitamente iguais são atribuidas a quatro nomes diversos: Fernando Pessoa, Alvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. A solução final é facil: quatro pessoas distintas, mas só um é verdadeiro, porque Fernando Pessoa, brilhante talento desdobra-se em quatro personalidades literarias pseudonymas: Alvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro.

## A litteratura portugueza no estrangeiro

### «A Novela do Amor Humilde» de Norberto de Araujo corre a Espanha e a America do Sul

Norberto de Araujo tem sido com a «Novela do Amor Humilde» um embaixador esplendido do lirismo portuguez em toda a Espanha e na America do Sul. Artista lisboeta—deste tão subtil e delicado sentido de pitoresco que é o regionalismo das cidades—Norberto de Araujo, jornalista perdulario, que tem enchido as colonas dos jornais dum dos mais fecundos, transbordantes e ricos talentos verbais que tem dado a uma Imprensa—acaba de ver traduzida, e correndo toda a Espanha e a America latina a sua obra prima—joia da nossa litteratura contemporânea—«A Novela do Amor Humilde».

Porque, internacionalmente, escassos são os valores portuguezes que conseguem vencer e seguir rumo alto—daqui felicitamos o nosso brilhantissimo camarada e colaborador.

## MODERNISTAS

Muitos são já mortos, e com muitos morreram nobres esperanças. Recordamos seus nomes com a igual ternura que merecem os que morreram jovens, e os que perderam jovens—ainda que pela morte—a esperança de que eram portadores.

Recordamos—hoje infelizmente não são mais que nomes: Mário de Sá-Carneiro, Guilherme de Santa-Rita, Amadeu do Sousa Cardoso, Carlos Franco, Manoel Jardim, Armando de Basto, António Ponce do Leão, Angelo de Lima, Afonso de Bragança e Julio de Vilhena.

### «Nuas e cruas»

João Verdades (Tito Martins) publicou um livro admirável onde a sua pena, brilhante e fecunda, de observador da vida, se espraiou em ritmos e em criticas do melhor sabor castiço.

Jornalista dum largo passado pleno de afirmações vigorosas, e cronista sintilante e expressivo como poucos, a sua obra augmenta, sem dúvida, uma série de campanhas que ficarão como uma fisionomia litteraria inconfundível.

## ATENÇÃO

Era desejo de «O Noticias Ilustrado» o publicar, em este numero, os retratos de todos os escriptores e artistas da geração modernista. Não o conseguindo fazer, por motivos de fácil compreensão—ausencia de alguns, o não haver retratos de outros, etc.—deixa aqui bem claramente marcado não ter havido escolha nem eleição nos que damos à estampa.

Os obtidos veem publicados. Para todos os outros «O Noticias Ilustrado» presta, com a presente nota, o significado de igual consideração.